

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

**MEMÓRIA E HISTÓRIA NA COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL:** Minas no Brasil<sup>1</sup>

**MEMORY AND HISTORY IN THE RECONQUISTA DO BRASIL COLLECTION:** Minas  
in Brazil

**MEMORIA Y HISTORIA EN LA COLECCIÓN RECONQUISTA DE BRASIL:** Minas en  
Brasil.

GISELLA DE AMORIM SERRANO

Doutora/Professora da Universidade Federal de Ouro Preto – MG (UFOP)

[gisellaamorim@yahoo.com.br](mailto:gisellaamorim@yahoo.com.br)

**Resumo:** Esse trabalho procura descortinar os elementos distintivos de uma memória editorial presente na coleção Reconquista do Brasil. Pressupomos que no interior dessa coleção e a partir dessa identificação poderemos problematizar alguns dos elementos definidores de uma suposta memória de Minas Gerais. Pretende-se relacionar os elementos históricos presentes no catálogo dessa coleção com os contornos historiográficos que se apresentam nas entrelinhas das escolhas editoriais de autores e títulos.

**Palavras-chave:** História. Historiografia. Memória. Minas Gerais.

**Abstract:** This work seeks to unveil the distinctive elements of an editorial memory present in the Reconquista do Brasil [Rediscovery of Brazil] collection. We assume that, within this collection and from this identification, we can ask questions about some of the defining elements of supposed Minas Gerais' memory. We intend to relate the historical elements present in the catalog of this collection to the historiographical outlines that can be read between the lines of the editorial choices of authors and titles.

**Keywords:** History. Historiography. Memory. Minas Gerais.

**Resumen:** Ese trabajo busca descortinar los elementos distintivos de una memoria editorial presente en la colección Reconquista de Brasil. Se presupone que en el interior de la colección y a partir de la identificación podremos problematizar algunos de los elementos históricos presentes en el catálogo de esa colección con los contornos historiográficos que se presentan encubiertos en las editoriales de autores y títulos elegidos.

**Palabras clave:** Historia. Historiografía. Memoria. Minas Gerais.

A vida dos livros se assemelha à vida dos homens. Por isso existe uma história bibliográfica, narrativa circunstanciada do nascimento e fortuna dos livros, tão curiosa quanto a biografia ou a história natural.<sup>2</sup>

Esse texto tem como fonte de análise uma importante coleção mineira: a coleção Reconquista do Brasil.<sup>3</sup> Essa coleção foi organizada pela Editora Itatiaia, em conjunto com a

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em 14/09/2014 e aprovado para publicação em 26/10/2014.

<sup>2</sup>SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do distrito diamantino*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976, v.26 (orelha).

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo em três séries volumosas.<sup>4</sup> A primeira apresentou 60 títulos, a segunda 233 e a terceira 13, totalizando 306 volumes. A coleção da Editora Itatiaia foi inaugurada em 1973 e até 1984 já havia apresentado cerca de 160 volumes.<sup>5</sup> Neste trabalho, procuramos analisar possíveis formações historiográficas no interior dessa coleção. Propomos a investigação de uma suposta conformação histórica brasileira ou a tentativa de instituição de uma matriz historiográfica mineira no curso das edições da referida coleção. Nosso intuito é refletir, por meio desse texto, sobre algumas questões pertinentes e orientadoras de nossa pesquisa.

Para Laurence Hallewell, a coleção Reconquista do Brasil, assim como outros empreendimentos editoriais, não passariam de uma imitação da coleção Brasileira – extensa e importante coleção lançada pela Cia Editora Nacional em 1931, como parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira. Segundo Hallewell, a “Brasileira” teria sido a motivação de outros investimentos como a coleção Documentos Brasileiros da Editora José Olympio; a coleção Corpo e Alma do Brasil da Difusão Européia do Livro; a coleção Retratos do Brasil da Civilização Brasileira e ainda a Biblioteca Histórica Brasileira da Martins Editora.<sup>6</sup>

O título da coleção aqui tratada traduz claramente a sua ideia formadora: reconquistar o Brasil. Como apontou Dutra,<sup>7</sup> uma das características fundamentais das coleções é uma pretensão universalizante, uma espécie de caráter aglutinador acerca de um conteúdo ou tema. A ideia da coleção Reconquista do Brasil sinaliza para a invocação de uma espécie de “retomada histórica” porque reconquistar é também refazer, restaurar.<sup>8</sup> Invocava um sentido aglutinador, indicaria uma reconstituição, de uma recuperação de sentido, de uma “nova” formação. Todos esses caminhos remetem-nos ao sentido formal da própria historiografia, ou ainda aos sentidos de uma espécie de memória histórica, ou quem sabe ainda a uma “memória historiográfica”, cujos objetivos e sentidos particularizam-se pela apreciação de temas, eventos e signos do passado brasileiro ou de versões históricas acerca de um determinado passado. Nessas coleções há uma tentativa muito explícita de demarcação de

---

<sup>3</sup>Essa pesquisa recebeu apoio financeiro da FAPEMIG por meio de Bolsa de pós doutorado Jr. Uma parte desse artigo foi apresentada no XVII Simpósio Regional da ANPUH-MG. Ver: CARDOSO, Maria Abadia; FREITAS, Talitta Tatiane Martins (Org.). *Anais do XVII Encontro Regional de História: O lugar do conhecimento no Mundo Contemporâneo – Conhecer, Pesquisar e Ensinar História*, ANPUH-MG, Uberlândia, de 18 a 23 de julho de 2010.

<sup>4</sup>Essa coleção foi dirigida por Mário Guimarães Ferri, então presidente da Editora da Universidade de São Paulo.

<sup>5</sup> HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusc, 1984, p.526.

<sup>6</sup> Ibid., p.301.

<sup>7</sup> DUTRA, Eliana R. F.; MOLIER, J.Y. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na vida política*. Belo Horizonte: Anablume, 2006, p.308.

<sup>8</sup> FERREIRA, Aurélio B. *Mini-dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Positivo, 2008.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

“quadros históricos” com vistas a difundir e sobrevalorizá-los com finalidades variadas.<sup>9</sup> Era esse também o intuito de coleções como a “Brasiliiana” porque “pretendia difundir um padrão de conhecimento e compreensão sobre o Brasil e diagnósticos sobre a realidade brasileira naqueles anos 30”.<sup>10</sup> A Brasiliiana, segundo Dutra, tinha como perfil

reedições de obras raras, clássicos esgotados, traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros, novos trabalhos sobre o Brasil na forma de ensaios sobre sua formação histórica e social, estudos de vultos da história brasileira e de problemas nacionais – geográficos, etnológicos e políticos, econômicos, militares, etc.<sup>11</sup>

Essa organização teórica e/ou temática estaria, como antecipara Hallewell, intimamente relacionada à organização da coleção Reconquista do Brasil. Todavia, embora possuam semelhanças e afinidades, esses projetos editoriais guardam ainda meandros e especificidades que somente uma análise mais rigorosa poderá compreender. A importância de um estudo como esse repousa, sobretudo, nas diversas concepções acerca do Brasil e de sua história que estariam inseridas entre os clássicos, as reedições, etc. Outro aspecto importante, é a disposição dos títulos no interior do projeto editorial dessas coleções, porque a tentativa ou a procura por uma “totalização e completude do conhecimento” por meio de projetos editoriais como bibliotecas e coleções sugerem concepções singulares de mundo e sobretudo, de História.<sup>12</sup> Ainda que se identifiquem algumas similitudes em relação a essas concepções e ordenações, como sugeria Hallewell, há que distinguir as particularidades de cada uma, levando-se em conta os aspectos que circundam sua produção e o contexto no qual estiveram inseridas, inclusive, levando-se em conta, quando possível, seu público leitor. Esse aspecto, entretanto, não poderá ser aqui tratado em razão dos limites desse texto e de seu enfoque principal, qual seja a discussão acerca da publicação de uma coleção histórica, com nuances significativas acerca da história de Minas.

Ao contrário das coleções citadas por Hallewell, a Reconquista do Brasil não havia sido publicada nos anos 30-50 e sim na década de 1970. Esse é um aspecto relevante e diferenciador de sua organização. Nesse período já havia aspectos singulares do mercado

<sup>9</sup> Ver ainda CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998; Id. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação liberdade, 1996; Id. *A ordem dos livros*. Brasília, DF: UnB, 1998; OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection*, Paris: Éditions IMEC/MSH, 1999. É necessário salientar ainda que no caso da coleção Brasiliiana, Eliana Dutra tem reafirmado sua composição aos moldes de uma Biblioteca. Ver DUTRA, E.R. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção Brasiliiana. In: DUTRA, Eliana R. F; MOLIER, J.Y. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na vida política: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Anablume, 2006, p.301.

<sup>10</sup>DUTRA, op. cit., p.308.

<sup>11</sup>Ibid., p.304.

<sup>12</sup>DUTRA, op. cit., p.299 e p.305. Ver a esse respeito também: CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, SP: UNESP, 1998; Id. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; Id. *A ordem dos livros*. Brasília: UnB, 1998.

editorial no Brasil, como, por exemplo, a execução de planos voltados para o mercado universitário, a inserção de ações mais sistemáticas por parte do governo e, sobretudo, quando o conhecimento acerca da história brasileira já era relativamente definido pelas universidades e redes intelectuais institucionalizadas. Ou seja, uma conjuntura onde a “memória” do Brasil já vinha sendo formulada e discutida para além das rodas de artistas e intelectuais.<sup>13</sup> Um dos indicadores da relevância desse material é, principalmente, uma inserção nesse universo. Afinal, o que se pretendia: refazer as bases de uma memória nacional? Se a maioria dos títulos publicados nessa coleção não era composta por autores/historiadores, mas por viajantes, biógrafos, que tipo de “historiografia” do Brasil se pretendia difundir? Por outro lado, a pretensão era dinamizar o mercado colocando à disposição dos intelectuais um “acervo” rico e diversificado? Em que medida pode se associar a historiografia mineira ou sobre Minas Gerais ao contexto das edições, particularmente sublinhado por ser publicada por uma editora mineira?

Dessa coleção despontou títulos anteriormente conhecidos e outros inéditos, em sua maioria sobre a geografia, o folclore, a religiosidade mineira. Muitos livros considerados “clássicos” da historiografia nacional foram incorporados nessa série. Como exemplo, temos a obra de Tobias Barreto intitulada *Pesquisas e depoimentos para a História*, então o 60º volume da coleção onde se afirmava, em tom de justificativa, que seria uma “obra monumental da historiografia brasileira”.<sup>14</sup> Outro exemplo indicativo desse aspecto é tratado na “orelha” do livro de Augusto de Lima Júnior, *A capitania de Minas Gerais*:

Com este volume, a coleção Reconquista do Brasil prossegue em seu objetivo: reeditar obras famosas muitas das quais se tornaram raridades bibliográficas, e lançar trabalhos que estudem aspectos os mais importantes da realidade brasileira, sob todos os pontos de vista.<sup>15</sup>

Na primeira série, por exemplo, é possível visualizar uma espécie de abordagem linear, progressiva da história do Brasil e de Minas. Os títulos sugerem certo panorama geográfico, etnológico fornecido pelos viajantes do século XVIII e XIX. Nesse caso, optou-se por iniciar a história a ser contada nessa coleção a partir do ponto de vista dos “homens do passado”, como Luiz Agassiz, Auguste Saint Hilaire, Hans Staden. O que nos permite supor

<sup>13</sup>Nesse caso, tomamos aqui o exemplo da própria década de 1930-1940 quando o saber era mais disseminado pelos círculos intelectuais não institucionalizados, como é o caso das universidades nas décadas seguintes, sobretudo, a década de 1970. Ver MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*. São Paulo: Difel, 1979; PECAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1989; HALLEWELL, op. cit; entre outros.

<sup>14</sup>BARRETO, Tobias. *Pesquisas e depoimentos para a História*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. v. 60, orelha. (Coleção Reconquista do Brasil).

<sup>15</sup>J.E.F. *A capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978. orelha.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

que seus relatos (então considerados como “testemunhos”) forneceriam à coleção certa aura de legitimidade histórica. A primeira série, portanto, teria a função de fornecer um amplo e diversificado quadro histórico da suposta história inicial do Brasil. O recurso para isso foram os relatos, viagens, documentos deixados pelos viajantes.

Na segunda série a variedade de títulos aumenta, assim como o perfil temático que passa a ter uma amplitude maior de autores e a tentar compor um panorama mais informativo da historiografia do país, particularmente da historiografia mineira. Entretanto, permanece em toda a série a estratégia de recomposição de “quadros históricos/geográficos” predominantemente acerca do período colonial, embora tenham sido publicadas algumas obras sobre o Império e a República no Brasil. Aspectos variados do período colonial foram tratados, ao que parece, com a finalidade de refazer o percurso da história brasileira em seu suposto “início”. A época colonial é, para tanto, tratada sob diversos aspectos.

Na última série são apenas 13 títulos que versam basicamente sobre o barroco mineiro, sobre os indígenas, além de duas obras de Jean Baptiste Debret, uma de Rugendas. E essa terceira série é intitulada como “série especial”.

Aspecto fundamental acerca da coleção Reconquista do Brasil é seu caráter historiográfico. É possível reconhecer uma tentativa de “reconstrução histórica” na seleção de autores, temas e títulos. Nesse caso, analisar uma coleção como esta é também analisar que tipo de “memória histórica” se pretendeu estabelecer e que recursos foram utilizados para tanto. Jurandir Malerba ressalta que refletir sobre a historiografia é também pensar não somente nos discursos veiculados pela escrita, nos métodos de pesquisa, mas também nas “formas de apresentação”.<sup>16</sup> No caso deste artigo, propomos relativizar a ideia da escrita da história e de suas implicações ao processo de difusão do conhecimento histórico por meio das coleções como a Reconquista do Brasil.<sup>17</sup>

O que nos ocupa nesse trabalho é a averiguação, por meio das publicações dessa coleção, de estratégias vinculadas às utilizações da História<sup>18</sup> na sua atribuição específica de recuperar ou reinterpretar aspectos históricos mineiros, atribuindo-lhes novos significados construídos a partir de propósitos determinados por um programa editorial pré-definido<sup>19</sup>, ou

<sup>16</sup>MALERBA, J. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p.20-21.

<sup>17</sup>A esse propósito ver artigos em MALERBA, op. cit.

<sup>18</sup>Acerca dos “usos” da História podemos citar: THOMSON, Alistar et al. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

<sup>19</sup>LE GOFF, Jacques. Memória. In: *ENCICLOPÉDIA* Einaudi, Porto: IN/CM, 2000. p. 13. Ver também LE GOFF, Jacques apud GOMES, Ângela C. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

seja, a partir de uma política editorial.

Para esse estudo, apoiamo-nos na análise de Jacques Le Goff que problematizou o campo de diálogo entre História e memória<sup>20</sup>, salientando que a última tem se constituído, quase sempre, num campo de disputa, como objeto de poder entre “classes e grupos” que tentam tornar-se “senhores da memória e também do esquecimento”. Além de Le Goff outros autores como, por exemplo, Paul Ricoeur, Tzvetan Todorov assinalam-nos a complexa dimensão que envolve o escopo da memória tanto no que diz respeito às suas temporalidades, mormente quanto à sua relação com o presente na construção do passado<sup>21</sup>. As relações entre História e memória também foram colocadas em relevo por uma série de outros autores que ponderam a dimensão de registro da primeira em contraposição com a característica de elaboração da segunda. Fraçoise Choay salienta, por exemplo, a extrapolação da dimensão de informação da memória, que é “viva”. A relação entre História, memória e patrimônio, na atualidade, estabelece-se num terreno fértil para essa reflexão. De toda forma, o que nos é pertinente nessas reflexões é o papel da evocação e suas significações para o historiador. Se ele é capaz de reconhecer certos “excessos ou traumas” no que tange aos testemunhos, precisa também considerar a lembrança e o esquecimento a partir de sua historicidade, de seus usos. Nesse caso, podemos considerar que estratégias editoriais funcionariam como políticas de memória que balizam a importância do que deve ser “guardado”, lembrado, tangenciado ou esquecido no que concerne aos enunciados, aos textos. Nesse aspecto a mineiridade funcionaria como uma espécie de “patrimônio” a ser resguardado e salvo a partir de uma suposta importância no delineamento de uma reescrita historiográfica do Brasil.

O que tentaremos identificar são os temas e a existência de uma espécie de memória histórica mineira, definida a partir do programa editorial dessa coleção e suas estratégias materiais e/ou discursivas articuladas com o propósito de fundamentá-la e difundí-la. O que supomos é que cada grupo editorial ao definir seu programa de coleções de cunho histórico acaba por definir um “programa” acerca da História.

---

<sup>20</sup>Ver também <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-03-16-Dossie.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

<sup>21</sup>A discussão sobre a relação entre História, Memória e patrimônio é ampla. Citamos aqui apenas alguns trabalhos: HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora; Universidade Cândido Mendes; Museu de Arte Moderna-RJ, 2000; MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória?. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, São Paulo, 1992. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992; POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989; TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós Asterisco; RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

Valemos-nos aqui da análise de Helenice Silva, que sublinha a partir da leitura da obra de Paul Ricoeur as “utilizações sociais da memória”. Para exemplificá-las, podemos lembrar como pontuou a autora, das cerimônias e outros atos comemorativos.<sup>22</sup> O que propomos é entender essas coleções, como a Reconquista do Brasil, no sentido de uma rememoração, numa espécie de comemoração, de reorganização da memória nacional, afinal: “Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal.”<sup>23</sup>

Não nos compete aqui discutir e aprofundar os esforços de crítica historiográfica, de averiguação da constituição e dos limites da prática historiográfica como nos propõem alguns trabalhos recentes.<sup>24</sup> Em primeiro lugar, o que pretendemos especificamente nesse texto, como opção restritiva de análise, é identificar na coleção Reconquista do Brasil um esforço de ordenação histórica por meio de um aparato conceitual baseado no que Jorn Rusen havia definido como uma prática cultural voltada para a criação de “princípios de sentido que governam a reconstrução histórica.”<sup>25</sup>

No caso das publicações de séries e coleções históricas o que está em jogo não é apenas a teoria da escrita histórica realizada por historiadores ou intelectuais preocupados com o passado, mas, também, escolhas e definições dos editores que definem matrizes históricas por meio da seleção de obras, autores e títulos.<sup>26</sup> Para Rusen, a “historiografia é uma maneira específica de manifestar a consciência histórica. Ela geralmente apresenta o passado na forma de uma ordem cronológica de eventos apresentados como “factuais”, ou seja, com uma qualidade especial de experiência.”<sup>27</sup>

A discussão realizada pelo mesmo autor acerca de um importante elemento referente das teorias da história e também das conformações historiográficas – os topois – permitem avaliar melhor o argumento. Para Rusen, os topois

---

<sup>22</sup>SILVA, Helenice R. Rememorações / comemorações: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 1, n. 44, p. 425-439, 2002.

<sup>23</sup> SILVA, op. cit., p. 425-439.

<sup>24</sup>Ver no mesmo artigo RUSEN, J. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, J. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006. p.128.

<sup>25</sup>RUSEN, op. cit., p.119.

<sup>26</sup>CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Id. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998. Id. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1998. Id. *Livros, impressos e leituras*. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>27</sup>RUSEN, op. cit., p.125.

organizam a apresentação narrativa do passado ao lhe atribuir uma significação específica para orientar pessoas a apresentar problemas. Topoi históricos podem ser definidos como formas de percepção e representação dentro da constituição do sentido histórico do passado, que ocorrem como padrões repetitivos relacionados a diversos conteúdos.<sup>28</sup>

Sem aprofundar as questões intrínsecas e relativas às repercussões teóricas dessa discussão, procuraremos retomar a ideia dos topoi como formadores de “matrizes”, de elementos que norteiam ou definem a elaboração das seleções de títulos no interior das coleções. O que pressupomos é que há, nos temas elencados, algo como os topoi históricos que nos permitem afirmar que, no caso de uma seleção de temas históricos, o passado é retomado e reconstruído por meio de uma ordenação que se sistematiza de acordo com o sentido do passado evocado e sua relação íntima com o contexto onde é formalizado (nesse caso, com seu aparato e circuito editorial).<sup>29</sup>

Em segundo lugar e associada à proposição acima, identificaremos os aspectos concernentes à “memória de Minas” inscrita nessa coleção por meio da publicação de autores e obras consideradas como “clássicos” da historiografia sobre Minas Gerais. Para tanto utilizaremos como indícios do percurso editorial concernente a essas escolhas o “aparelho crítico”, isto é, todos os aspectos relativos à apresentação dos livros separadamente ou sob a forma de coleção, tal como o definira Isabelle Olivero. Do mesmo modo, é subentendido que as obras publicadas seriam uma espécie de “roteiro” do material de conhecimento imprescindível sobre o tema, ou seja, veicularia tudo que deve ser lido sobre o tema.<sup>30</sup> Uma análise mais profunda dos editoriais pode nos fornecer maiores elementos para essa afirmação. As orelhas e prefácios analisados irão nos esclarecer melhor esse aspecto.

Assim, é preciso ressaltar que não tomaremos as obras apenas por meio de seus conteúdos, mas sobre os seus “protocolos de leitura”, ou melhor, as recomendações de leitura feitas por seus tradutores, editores, prefaciadores, entre outros.<sup>31</sup> Acreditamos que a análise dos conteúdos das obras aqui arroladas já foi substancialmente feita pela historiografia brasileira em suas narrativas sobre o assunto. O que pretendemos é entender a lógica da seleção feita pelos editores da coleção e as estratégias para a leitura e propaganda das obras utilizadas nos próprios livros.

---

<sup>28</sup>Ibid., p.128.

<sup>29</sup>DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>30</sup>OLIVERO, Isabelle. *L'invention de la collection*. Paris: Éditions IMEC/MSH, 1999.

<sup>31</sup>CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. SP: Estação Liberdade, 1996.

A coleção Reconquista do Brasil, conforme já assinalado, em seu caráter histórico, não adota um critério de historicidade linear. Seus títulos são publicados sem a necessidade de veicular uma sequência ordenada da história do Brasil. Entretanto, podemos notar que há algumas matrizes que justificam a sua própria ordenação, então baseada no sistema da “reconstrução” de sentido da história brasileira. Como já dito anteriormente, essas matrizes serão consideradas aqui como espécie de topois, cujos sentidos estão demarcados pelo tempo, espaço e significado histórico.

Uma delas é a matriz colonial mineira. Em um rápido passeio pelos títulos evidencia-se a presença do cenário inaugural da formação colonial brasileira. Entre esses podemos citar como exemplo: as obras dos viajantes como Auguste de Saint Hilaire, Luiz Agassiz, Thomas Ewbank, entre outros. A formação colonial, entretanto, é aludida em vários outros aspectos para além da geografia física e da descrição geográfica do Brasil, uma vez que se editou obras como Tratado da terra do Brasil – História da província de Santa Cruz de P.M. Gândavo, História do Brasil de Frei Vicente de Salvador, Caminhos antigos e povoamento do Brasil de João Capistrano de Abreu, entre outros manuais considerados obras de referência do trabalho historiográfico e documental.

O que nos chama a atenção é que, embora sem uma sequência ordenada na constituição de um cenário colonial brasileiro, obras como as citadas, estariam sendo publicadas como referência para o conhecimento do assunto. Há, portanto, duas ordens de questões. A primeira diz respeito à ideia de que o início da formação histórica brasileira não pode deixar de ser tratado na coleção. Nesse sentido, justifica-se a presença das obras dos viajantes em seus relatos geográficos e culturais que permitem um grande panorama do quadro inicial da história do Brasil. E a segunda diz respeito aos aspectos formadores da identidade colonial associados a uma suposta importância de Minas Gerais.

Nosso pressuposto inicial é que a história de Minas Gerais constituiria uma espécie de “ponto de apoio” da historiografia do Brasil. Para ilustrar, podemos citar o exemplo da coleção Brasileira onde se identificam 16 obras acerca da história mineira.<sup>32</sup> Por outro lado, no caso da coleção Reconquista do Brasil há um aspecto que supomos inovador, qual seja, as nuances de uma suposta “mineiridade”, ou melhor, aspectos culturais de Minas

---

<sup>32</sup>Entre os títulos que versam na coleção Reconquista do Brasil acerca da história de Minas, apenas dois deles constam também na coleção Brasileira, quais sejam: *2ª viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais*, de Auguste de Saint Hilaire, volumes 01 e 02 e *Gonzaga e a Inconfidência mineira*, de Almir de Oliveira.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

Gerais expressos em obras que versam sobre os costumes, a política e a religiosidade dos mineiros.

A história de Minas é tratada nessa coleção como uma espécie de “vitrine da nação brasileira”.<sup>33</sup> As obras sobre Minas e a mineiridade tentam se afirmar e se justificar por meio de um suposto caráter de identidade nacional. Conforme nos apontou Liana Maria Reis, a ideia de mineiridade está imbuída de ideologia, colocada sempre a postos de acordo com as necessidades específicas de grupos ou comunidades políticas, sendo, na verdade, uma “construção imaginária” elaborada e recorrentemente reafirmada por intelectuais, “artistas, memorialistas, literatos e políticos”.<sup>34</sup> Os aspectos da cultura mineira, se assim podemos dizer, seriam significativos, pela lógica da coleção, por se tratarem de aspectos culturais imanescentes no povo brasileiro. É o que nos sugere a apresentação do livro de Augusto de Lima, volume 51 da coleção: “(...) Minas Gerais, os problemas de Minas, a arte de Minas, nada disso podia estar ausente em uma série que se destina exatamente a revalorizar o que é nosso, a dar a devida importância à formação de uma nação, de um povo, de uma cultura”.<sup>35</sup>

Na mesma obra, em edição de 1940, publicada em Lisboa, Augusto de Lima reafirma o caráter nacional da história de Minas. Oferecendo a obra a Getúlio Vargas ele diz: “A quem devo as possibilidades de pesquisa e escrevo sobre o passado de nossa terra, ofereço esta pesquisa contribuindo à cultura histórica do Brasil, que tanta atenção vem merecendo ao ilustre fundador do Estado Novo”.<sup>36</sup> Na primeira página ele continua: “Investigando e escrevendo a história do passado de Minas Gerais, narrando as gerações futuras o esforço dos que nos precederam na peregrinação pela terra, procuro cumprir um dever cívico e sentimental”.<sup>37</sup>

Esse aspecto é também sugerido e exemplificado pela “orelha” do livro de Diogo de Vasconcelos, História Antiga de Minas Gerais, volume 188 da coleção, escrita por Vivaldi Moreira

Qualquer porção de território, por mínima que seja, pode produzir história, pois os fatos que a elaboram brotam num determinado local com pujança idêntica de áreas

<sup>33</sup>A esse respeito ver ALBERTO, Helena Magela. *Diogo de Vasconcelos e a história de Minas: uma construção do conceito de nação na Primeira república*. 2000. Monografia (Graduação de bacharelado). Disponível em: <[http://www.ichs.ufop.br/lph/images/stories/2000\\_-\\_HELENA\\_MAGELA\\_ALBERTO.pdf](http://www.ichs.ufop.br/lph/images/stories/2000_-_HELENA_MAGELA_ALBERTO.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2011.

<sup>34</sup>REIS, Liana Maria. *Mineiridade: identidade regional e ideologia*. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v.9, n.11, p.89-97, 1. sem. 2007.

<sup>35</sup>LIMA, Augusto de. *A capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978. v. 51.

<sup>36</sup>LIMA, op. cit., p.I.

<sup>37</sup>MOREIRA, Vivaldi. In: VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v. 2, (orelha).

adjacentes até envolver ampla região e assumir o caráter geral. Esse fator genético e condicionante, ao mesmo tempo, foi brotando em Minas a partir do século XVIII com papel catalítico, com força centrípeta, de modo a gerar um centro irradiador, Pedro Nava assim resumiu, com a clareza de seu estilo, os séculos de história mineira: “o que admira é a rapidez com que a predominância lusíada fez desse barro o módulo fabuloso e único do mineiro. Duas gerações, três no máximo, estava constituída uma sociedade cheia de hierarquia, de polidez, de religião, de cerimônia, inteligência, latim e polícia.”<sup>38</sup>

Ainda quanto à matriz colonial na coleção, outros aspectos nos chamam atenção: a escolha do barroco mineiro. Alguns títulos publicados na segunda série como, por exemplo, Antonio Francisco Lisboa – o Aleijadinho, de Rodrigo José f. Bretas e Aleijadinho (passos e profetas), de Myrian Andrade R. de Oliveira, na terceira série também publicou-se: O Aleijadinho de Vila Rica de Waldemar de Almeida Barbosa. O barroco, portanto, estaria associado ao caráter de completude do conhecimento anteriormente referido quanto à história colonial mineira no Brasil. Mas o que o barroco representaria como componente essencial na construção histórica pretendida pela coleção?

A ideia de publicar obras sobre o barroco mineiro estaria relacionada, a nosso ver, ao sentido de uma evocação diferenciada da arte e uma leitura de sua expressão associada a um homem tipicamente mineiro, um homem renovado. Nos germes da criação artística estariam expressos supostamente os ideais do “homem novo”

Como arte da transgressão, o barroco teria sido o marco de um momento histórico no qual o homem se restituía o exercício da razão intuitiva, até então escamoteada pelos séculos de tentativas de privilegiar a divisão separadora do discurso racional. Esta atitude estaria demarcando não apenas o surgimento de uma arte orientada por novas leis internas e externas, mas igualmente, o aparecimento de um tipo humano totalmente diverso, na sua postura face ao mundo e face a si próprio como subjetividade daquele até então conhecido e permitido. Este homem novo é o mesmo que brota em Minas cuja a expressão barroca é uma instância onde pode elaborar publicamente da euforia ou auto-afirmação, prenúncio de uma liberdade interior a ser conquistada e de uma nacionalidade já em formação, a despeito do jugo colonial.<sup>39</sup>

Como se vê, na obra de Joel Neves apresentava-se o barroco como inventividade criadora de um homem diverso no cenário colonial. Nesse sentido, o mineiro, a história de Minas associara-se a um aspecto de excepcionalidade, de criação renovadora, um aspecto diferenciador daquela sociedade e expresso, sobretudo, na arte.

Ao analisar o barroco e temas afins, tal como Vila Rica, também é possível recuperar, a ideia da mineiridade como matriz da identidade nacional. É certamente o que nos

<sup>38</sup>RIVERA, Bueno de. *Roteiro de Minas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 2002.v. 232.

<sup>39</sup> NEVES, Joel. *Idéias filosóficas no barroco mineiro*. BH: Itatiaia; SP: Edusp,1986. v.98 (orelha).

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

sugere a orelha escrita por Danilo Gomes acerca da obra *Vila Rica do Pilar*, volume 71 da coleção, de autoria de Fritz Teixeira de Sales:

Com este livro, séria interpretação de uma das fases mais gloriosas e dramáticas da nacionalidade, ganha o ensaio histórico brasileiro uma nova e rica contribuição.(...) essa obra tem o condão de fazer remontar o leitor às primeiras manhãs violentas da História de Minas, e em especial de Vila Rica do Pilar(...) Não será vã essa viagem do leitor, tendo como Virgílio a Fritz Teixeira de Sales, penetrará o céu, no purgatório e no inferno, que foram as Minas Gerais, regressando depois, com o espírito ainda mais pleno de sentimento nacionalista, ainda mais apegado às tradições libertárias dos grandes mártires, ainda mais possuído de admiração pelas obras de arte eu conceberam e realizaram os homens das montanhas de outrora.<sup>40</sup>

A Inconfidência Mineira, também tratada na coleção, viria ainda a reafirmar os critérios da nacionalidade mineira vinculada a um caráter que extrapolaria a condição regional, passando pela identificação dos germes da nacionalidade brasileira. É o que sintomaticamente nos aponta a obra sobre Tiradentes de Oilliam José:

o biógrafo do alferes José Joaquim buscou efetivar, pois, em 31 capítulos, segura análise da vida e da obra de quem mais se distinguiu na revolução de 1789. Para isso, pôs no trabalho realismo, equilíbrio, espírito crítico. Fez dessa biografia uma avaliação global daquilo que o Alferes foi como homem e revolucionário. (...) é obra que espera servir à história, mostrando quanta razão têm aqueles que aceitam e proclamam Tiradentes como símbolo de um patriotismo fiel às melhores tradições da nacionalidade e como figura digna de colocar-se entre os condutores de homens que preparam ou fizeram nossa Independência e se tornaram expoentes do civismo brasileiro.<sup>41</sup>

Um suposto modo de viver, de sentir e de ser dos mineiros, uma característica coletiva, os sentidos da suposta mineiridade foram expressos na obra de Bueno de Rivera. Ao iniciar seu “Roteiro de Minas”, volume 232 da coleção, Rivera propõe antes que se “conheça os mineiros”

Mineiro não é desconfiado: é manhoso. Com astúcia, mede os gestos e as palavras do interlocutor, como se observasse um adversário. É retraído, lento, espia de lado. Não se ofende ao ser chamado de ingênuo. Isso facilita-lhe os negócios. Mineiro quando quer, não diz. Faz que vai, não vai. Aproveita as falhas do jogo. Briga calado. Boi sonso, marrada certa. É um homem de conversa mansa. Fala baixo. Tem horror à elegância, à controvérsia e à empáfia. É um povo sem lirismo. Imediatista, pragmático. Não divaga.

Quem disse que mineiro não resolve na hora? Quando ele diz: “volte amanhã”, você não precisa voltar. Já resolveu.

Duas profissões criadas sob medida para os mineiros: primeiro-ministro e gerente de banco.

<sup>40</sup>GOMES, Danilo. IN: SALES, Fritz Teixeira de. *Vila Rica do Pilar*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982. v. 71, (orelha).

<sup>41</sup> JOSÉ, Oilliam. *Tiradentes*. Belo Horizonte: Itatiaia; SP: Edusp, 1985. v. 89.

Minas não dá grande importância à glória de seus filhos. Não louva muito as suas obras, nem canta os seus feitos. Você já imaginou o Tiradentes gaúcho, o Aleijadinho paulista ou o Santos Dumont nascido na Bahia? Seriam monumentos, bandeiras e museus, e exaltados profusamente em sambas.

Há mineiros que nasceram em outras regiões e que nunca vieram a Minas. Machado de Assis, por exemplo.

Minas não é um Estado da federação; é um estado de espírito.<sup>42</sup>

Segundo Alberto Barroca, “a unidade nacional se consolidou através do espírito de mineiridade, ser mineiro indica aquela forma de vida plasmada no equilíbrio, na modéstia, na capacidade de pensar duas vezes para decidir com firmeza”.<sup>43</sup> Ao que nos parece, a suposta existência desse “espírito” tentara ser revelada na coleção.

Ao procurar definir a mineiridade, Fernando Correia Dias afirmara: “Trata-se de uma constelação de atributos consignados aos habitantes desse território, tanto a título individual como coletivo”.<sup>44</sup> Muitos autores, como apontaram Fernando, já haviam tratado do tema, cada qual a seu modo, sob aspectos diferenciados do que seria supostamente a atribuição de um espírito mineiro, de um modo de viver e agir particularmente caracterizado em Minas. Retomando Oliveira Viana, Nelson de Sena, Gilberto Freyre, Otávio Dulci, Afonso Arinos e Eduardo Frieiro, Fernando Dias tentara, de certa maneira, historicizar o termo.

A tese de Maria Arminda Arruda conceitua e circunda o conceito e esclarece os meandros e implicações teóricas do uso do termo, seja na literatura ou na política. Almejando compreender melhor o impacto no terreno das construções memorialísticas a autora aponta

a produção memorialística mineira não é apenas extremamente vasta, mas sobejamente imbuída das participações dos mineiros e das especificidades do estado. Nesse sentido, poderíamos afirmar que os memorialistas mineiros se encontram impregnados de um forte sentimento de mineiridade, entendida, nesse passo, na sua dimensão exclusivamente identificadora. Os memorialistas possuem o sentimento marcante de sua origem regional e definem-se como mineiros, para além da percepção de sua camada social ou de pertencerem a uma cidade, uma vila, uma propriedade rural. Por isso, em grande parte das memórias, entra em cena a aura envolvente da mineiridade. As memórias, desse ponto de vista, localizavam-se no centro do terreno entre os codificadores do mito e a produção literária dos mineiros, demarcando a dupla fronteira do universo comum.<sup>45</sup>

Uma obra significativa nesse aspecto é a “Menino da mata- crônica de uma comunidade mineira”, volume 225 da coleção escrito por Vivaldi Moreira. Ao voltar-se às

<sup>42</sup> BARROCA, Alberto. *O Dia de Minas: o conceito de mineiridade*. Belo Horizonte: n-v, 1990.

<sup>43</sup> BARROCA, op. cit.

<sup>44</sup> DIAS, Fernando Correa. Mineiridade. *Cadernos de Minas* 2, 1986. p.8.

<sup>45</sup> ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. p.199.

Outros Tempos, vol. 11, n.18, 2014 p. 280-294. ISSN:1808-8031

suas memórias de infância, ao lembrar e recontar seu passado na fazenda ele reorganizaria seu relato sob o tom regionalista, apontando seu pertencimento social à Minas.

Segundo Vivaldi, a infância e as experiências singulares vividas por ele haviam tornado-se “latente” em sua personalidade em sua maneira de ver o mundo. A presença de uma obra de memórias na coleção determinara a importância da recuperação do passado, da experiência pessoal reelaborada pelo próprio sujeito como um componente histórico que demarcaria de alguma forma o “ser mineiro”. De toda forma, as memórias constituiriam uma fonte histórica diferenciada. Entrelaçavam, nesse caso, memória e mineiridade

Há diversidade de opiniões quanto à publicação de “memórias”. Uns dizem que somente os homens ilustres devem deixá-las, só eles podem grafar as passagens mais significativas de suas existências. Afirmam outros (e nesta corrente sofregamente me enfileiro) que todos nós possuímos uma experiência específica, fruto mesmo do simples ofício de viver, e por isso carregada de valor. Entre as duas parcialidades, existe a delícia de reviver o acontecimento, bulir nas águas paradas do lago, abrir quarto fechado, reler livro há muito lido, colher folha caída de árvore... Migalhas que assumem importância para quem as viveu, as detém ou as pratica, e se irizam, quando sobem à tona da memória(...) Enfeitamos o passado de tal forma, que até a dor tem lá sua nesga de poesia, quando transposta para essa categoria do acontecimento. Especialmente, quando nos dispomos a narrá-la. A infância, é, pois, o celeiro de nossas recordações. Nossa história, costume sempre dizer, resume-se na infância que tivemos.<sup>46</sup>

No que concerne à nacionalidade brasileira e à mineiridade como formadora de uma suposta identidade nacional, Maria Arminda Aparecida alerta outra implicação significativa, afinal “A partir de Minas, o autor busca conceber a identidade cultural brasileira, como se fosse natural passar por aí para pensar o conjunto”.<sup>47</sup> A autora conclui: “Tipicamente uma construção intelectual a mineiridade preserva três dimensões essenciais: mítica, ideológica e imaginária (...) Apresentada como símbolo da nacionalidade, Minas ensejou a missão de representar o Brasil”.<sup>48</sup>

Pode parecer óbvio identificar numa coleção histórica feita por uma editora mineira, como a Editora Itatiaia, as razões para a publicação de obras que traçariam um percurso histórico abrangendo o estudo de Minas Gerais. Entretanto, observamos que essa não seria a única justificativa.

Acreditamos que nessa coleção sobre a História do Brasil, a História de Minas corresponderia a um tema imprescindível, um “ponto chave” dos aspectos nacionais no sentido de que a mineiridade relacionava-se aos critérios de uma identidade nacional

<sup>46</sup> MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata - crônica de uma comunidade mineira*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 2000. v. 225, p.27.

<sup>47</sup> ARRUDA, op. cit., p.200.

<sup>48</sup> Ibid., p.257.

brasileira. É possível pensar ainda no contexto onde se insere a organização e publicação das obras da coleção. Supomos que a necessidade de se publicar uma coleção histórica naqueles anos responderia às necessidades impostas pela reorganização política nacional, afinal, os anos 1980 constituem anos de intensa mobilização e transformação política no Brasil. A reorganização do passado estaria vinculada a questões propulsoras específicas. É o que nos sugere Fernando Correa Dias, para o caso da discussão acerca da mineiridade

Nos dias correntes, há sinais de retomada da consciência regional. A crescente mobilização da sociedade civil, simbolizada pela campanha pelas eleições diretas, faz com que este momento seja diverso dos anteriores, em amplitude e vigor. Que sinais podemos ler? Anseia-se por maior participação social, pela reavaliação da cultura regional como um todo (...) pela ocupação de maior espaço político no quadro federativo. Como nos momentos anteriores, as transformações, longe de apagar os traços da identidade mineira, talvez venham novamente a acentuá-los.<sup>49</sup>

Procuramos aqui demonstrar a congruência entre um projeto editorial em suas concepções teóricas e uma ideia de nação, com nuances mineiras. Como se sabe há inúmeros projetos nos quais essa ideia de mineiridade possa se expressar com fundamentos históricos, o que torna necessário perceber, em cada caso, as especificidades dos projetos político-ideológicos.

---

<sup>49</sup> DIAS, op. cit., p.18.